



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

*Bibliotecas e Bibliotecários:
O Perfil de um Caso*

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n.18

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

*Bibliotecas e Bibliotecários:
O Perfil de um Caso*

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n.18

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**Bibliotecas e Bibliotecários:
O Perfil de um Caso**

Justino Alves Lima

Ensaio APB, n.18

**São Paulo
Maio
1995**

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Junior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et alii. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et alii. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUDE, Rita Luisa et alii. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et alii. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et alii. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et alii. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiporã - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)

*BIBLIOTECAS E BIBLIOTECÁRIOS -
O Perfil de um Caso*

Justino Alves Lima ()*

1 A Título de Introdução: em busca de um motivo.

1º de Janeiro de 1995: a revista Domingo, suplemento do Jornal do Brasil, trouxe Luiza Brunet em depoimento. Nesse diário, a modelo homenageou os bibliotecários em um texto curto, comum e simplório. Disse a modelo-empresária: “Desejo que o país e seu novo presidente invistam mais na cultura em 95. Minha homenagem aos bibliotecários vale para pedir que as autoridades responsáveis incentivem os alunos a frequentar (sic) mais as bibliotecas. Vale a pena.”

O depoimento dado, um lugar comum na biblioteconomia, já não tão valoroso se manifesto isolado, dir-se-á se tão somente existente devido a um convite da revista para a homenagem. Resta saber se escalado previamente. Resta saber, também, se tudo não passou de uma grande brincadeira como considerar que Benedita da Silva, a senadora petista, homenageou os magistrados, quando apenas desejou que ao povo brasileiro fosse feita justiça.

Uma leitura no editorial da revista revela uma claque: “... convidamos um time de brasileiros de primeira - gente que arrasou em 1994 e certamente vai brilhar ainda mais em 1995...”; e um deboche: “... Hoje é dia de festa e os próximos 364, também. Endossando DeGaulle, em 1995 temos tudo para mostrar que o Brasil não é mesmo um país sério. ...”

Ainda no mês de janeiro, a depoente recebeu mais de uma centena “de cartas de bibliotecárias” de todo o país. Manifestos de agradecimentos de bibliotecárias sensibilizadas pela homenagem. Manifestação tão exótica que denota

* Bibliotecário da Universidade Federal de Sergipe.

as sensibilidades técnicas de quem pensa 7,5 cm x 12,5 cm. Luíza Brunet apenas homenageou os bibliotecários no uso da palavra homenagem; não apologizou sobre bibliotecas e seu papel na sociedade; apenas pediu que o governo incentive “os alunos a frequentar (sic) mais as bibliotecas”.

Em meados do mês de janeiro, a Tribuna da Bahia noticiou que o presidente da Fundação Biblioteca Nacional, escritor Afonso Romano de Sant’Anna, decidiu homenagear a modelo e lhe conferir o título de Madrinha das Bibliotecas do Brasil. Segundo a Tribuna Luíza Brunet seria “nomeada, oficialmente por Afonso Romano de Sant’Anna, presidente da Biblioteca Nacional, como Madrinha das Bibliotecas do Brasil”.

2 Perfil de um Objeto.

13 de março de 1995: em alguns lugares do Brasil, bibliotecários reuniram-se para homenagens a eles próprios em comemoração ao 12 de março - Dia do Bibliotecário. Em algum desses lugares o tema do debate foi o “Perfil do Bibliotecário”, disfarçado em algo como sua atuação e sua ação. Bibliotecárias e bibliotecários de diferentes bibliotecas, competentemente, desfilaram suas aptidões técnicas demonstrando como anda a circulação da informação nessas bibliotecas.

Retiraram-se dos debates alguns perfis bibliotecários. Alguns notadamente de primeiro mundo - os que estão em bibliotecas especializadas. Perfis que serviram para deleite da categoria bibliotecária como um todo. E neste momento os perfis de terceiro mundo - os bibliotecários de bibliotecas universitárias, e os perfis de quinto mundo - os que estão reclusos em bibliotecas públicas (os conceitos aqui emitidos não significam regra geral), serão momentaneamente esquecidos, para num anseio comum desejar-se a prática da informação do primeiro mundo.

Entretanto em nenhum momento será feita a observação do perfil que está sendo gerado. Um perfil para gasto interno, sem o respaldo e o respeito da sociedade. Conceitualmente perfil é o recorte de uma silhueta, o contorno de um rosto, ou a “descrição gráfica de um objeto observado apenas de um lado”, como conceitua Aurélio Buarque. Por isto mesmo o perfil construído é somente para consumo interno, coerente com o conceito linguístico: observação de apenas um lado.

Assim, bibliotecários isolam-se no seu objeto denominado Biblioteca. Algo manipulável, propósito físico que pode sofrer uma ação. Enclausurados nos seus objetos bibliotecas, os bibliotecários professam os seus perfis, e contentam-se

com eles. Enquanto isso a sociedade tripudia com o profissional bibliotecário não o considerando profissional prioritário no contexto informacional.

Se este não é o perfil correto, qual o proposto? Seria a conscientização social o método contra o modelo que perambula e viceja em encontros programáticos?

3 O Método em Apuros.

Teorizar sobre método em ensaio biblioteconômico é beirar o lugar comum. Mas o que o método tem a ver com o perfil? Em um país em que o objeto biblioteca sofre degradação pública por força de políticas educacionais e culturais, o método é determinante no perfil atual. A informação concedida, ou o método, o direcionamento a ser seguido para se alcançar um resultado, dentro de cada objeto, vai determinar a satisfação do profissional.

Um bibliotecário(a) de uma biblioteca especializada equipada com os últimos recursos da informática, acessando banco de dados em rede nacional e internacional, com recursos dotados em orçamento anual para renovação dos seus acervos e percebendo um salário acima da média do padrão brasileiro, tenderá a trabalhar mais satisfeito e construirá um perfil que atinja a sua comunidade (comunidade esta que certamente será composta por uma massa de profissionais de nível superior e que por terem perfis entenderão o perfil do bibliotecário).

No lado oposto imagine-se um bibliotecário de uma biblioteca pública e sua satisfação. Com um salário defasado diante das políticas de extermínio das diversas categorias de servidores públicos, trabalhando em uma biblioteca que na sua grande maioria sequer tem um regimento interno, sem dotação orçamentária e sem os modernos recursos da informática.

No meio destes dois extremos imaginemos a satisfação do bibliotecário da biblioteca universitária. Servindo em um objeto um pouco menos desprezado que o objeto biblioteca pública, encontra-se enredado por falta de verbas para continuidade de assinatura de periódicos e aquisição de livros, convivendo com as dificuldades de sua educação continuada, servido por auxiliares não treinados para o exercício de auxiliar de biblioteca, inferiorizado no auxílio da pesquisa docente por falta de instrumentos confiáveis, e pressionado domesticamente pela defasagem salarial.

Qual o perfil então tabulado no objeto biblioteca dentro de métodos tão variados?

4 O Perfil Indefinido ou a Consciência Engessada.

Com tão grandes diferenças na ordem do método, o perfil construído numa atingirá o mérito. E no vácuo de um contorno mais delineado, aventureiros ocuparão o espaço e passarão a ser referências históricas indevidas.

Como então preencher o vácuo existente, trilhar uma representação gráfica com contorno mais definidos, ser personagem e não mero figurante do objeto biblioteca, enfim construir um perfil que atinja o mérito?

Com mudança de atitude. O bibliotecário tem de deixar de ser individualista para ser coletivo. A história do movimento associativo bibliotecário brasileiro, por mais ufanistas que apareçam, tem sido uma página amarrotada, que denuncia o imobilismo profissional e engessa a consciência profissional para o exercício da cidadania. O bibliotecário consagra-se na sociedade como um cidadão sem cidadania. É preciso deixar de ser o bibliotecário-tatu (paródia ao eleitor-tatu), sair da toca do objeto biblioteca e aventurar-se pelas desventuras da sociedade e transformar-se no bibliotecário cidadão, aquele que tem responsabilidade na construção da sua sociedade.

4.1 O Gesso que se espalha pelo Brasil

Embora tendo uma associação cinquentona, a Associação Paulista de Bibliotecários, o movimento associativo brasileiro encontra-se anestesiado, contrariando o mais sólido princípio associativo: o do fortalecimento da categoria. Em quantidade, o movimento é tão grande quanto o Brasil com mais de duas dezenas de associações civis e profissionais, uma federação de associações de bibliotecários e mais quatro sindicatos. Em qualidade, assim como o Brasil, um gigante adormecido.

Este quadro pode ter suas raízes quando do advento da criação de um sem número de pequenas associações, no início dos anos 80, surgidas na esteira da megalomania febabiana de criação de entidades associativas, quando aumentar o número de filiadas era o princípio maior e a meta norteadora do programa básico. Um quadro que de tão errático tinha um final esperado: a desagregação.

Mas nem só isso provocou a inércia do movimento associativo na biblioteconomia brasileira. Engessada numa cultura repressiva, em que o profissional comum, durante muito tempo, temeu ver seu nome no cadastro de entidades reivindicatórias, o profissional de destaque junto a categoria também

evitou associar o seu nome a tais entidades, passando a associá-los a entidades governamentais. O que restou? Uma equação que contraria a história dos acontecimentos: valorização das ações técnicas e esquecimento das ações sociais.

Tal aprofundamento levou o movimento associativo a uma involução: do estado de paralisia quase generalizado à extinção (caso da Associação de Sergipe). As associações desaglutinadas por ordem da acomodação do movimento e isoladas num fosso pelo imobilismo nacional, tenderam, em sua quase maioria, a perder a voz de reação.

Assim, no momento em que um escritor, aproveitando o vácuo existente, decreta, arbitrariamente, de cima para baixo, sem consulta as bases da categoria, sem critérios definidos, a instituição de uma personificação simbólica para as bibliotecas brasileiras, a consciência bibliotecária engessada não se permite reagir, e perde o perfil supostamente encontrado.

Há notícias de reações tímidas, e restritas a bastidores, que levaram o Conselho Federal de Biblioteconomia a tomar uma posição. Como providência ao tão desventuroso caso de homenagem, a presidenta do Conselho Federal de Biblioteconomia enviou correspondência oficial (Ofício CFB n. 033/95 de 22.02.95) ao presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

Admite o CFB, através da sua presidenta, que, assim como todos os bibliotecários brasileiros, tomou conhecimento da nomeação oficial da modelo Luiza Brunet como “Madrinha das Bibliotecas do Brasil” através de nota publicada no jornal Tribuna da Bahia de 13 de janeiro de 1995.

Com muita propriedade, o CFB mostra-se preocupado com a repercussão que possa ter a nomeação da personalidade escolhida e a vinculação com o trabalho sério e competente desenvolvido pela categoria junto as bibliotecas brasileiras.

Lembra ainda que a biblioteconomia tem um patrono, conforme Decreto n. 84.631 de 12.04.80, quando, também, foi então instituído “O Dia do Bibliotecário”. O que torna injustificada a tal nomeação.

5 Memorial de uma Reação Bibliotecária.

Se no Brasil carnavalesco temos as madrinhas das baterias das escolas-de-samba, por que no Brasil cultural não podemos ter a madrinha das bibliotecas? Afinal, neste país varonil, tudo acaba em samba. Assim, não há de ser de todo estranho a homenagem patrocinada pela Fundação Biblioteca Nacional.

Há que se lamentar, no entanto, que a homenagem não traduza a realidade das bibliotecas brasileiras. Ou seja, a Biblioteca Nacional, através do seu Departamento Nacional do Livro (que alcança o único segmento de bibliotecas sobre o qual o sr. Afonso tem poderes), não impôs ainda às bibliotecas públicas do Brasil a beleza física da madrinha, não discerniu ainda as belas linhas a serem contornadas como resultado de uma política para as bibliotecas públicas.

Há que se lamentar, também, que embora a homenagem tenha provocado indignação em uma parte lúcida da biblioteconomia, não houve reação pública. Qual o motivo de os indignados não se manifestarem? Compromissos com o poder, esperança de cargos na estrutura federal, imobilismo pleno, reflexo da perda de prestígio profissional ou desesperança com a questão pública? Talvez resida aí o nódulo central detectado por Edson Nery da Fonseca com sua frase-paródia “ser ou não ser bibliotecário”. O próprio Edson Nery que esteve envolvido num procedimento ético em defesa da Biblioteca Nacional, e portanto em defesa da biblioteconomia brasileira.

Já vão longe então os dias em que alguém considerado uma figura proeminente da biblioteconomia enseja um embate em defesa da profissão. No final dos anos 60, mais um escritor administrava a Biblioteca Nacional. Edson Nery escreveu um manifesto no qual observou que a Biblioteca Nacional era “uma instituição de acervo valiosíssimo e passado honroso, mas desservida por legislação, organização e instalações obsoletas”, enfim, considerou-a “uma vergonha nacional”.

As críticas atraíram a ira de Adonias Filho, escritor nomeado diretor-geral da Biblioteca Nacional. Secundado pelo escritor Afrânio Coutinho e escudado, principalmente em Josué Montello - um ex-diretor daquela Casa -, houve réplicas e tréplicas. O imbróglio tomou proporções de debate anti-acadêmico, tornando-se antológico os versos escritos no espaço em branco da página final do artigo que Edson Nery fizera publicar no Boletim ABDF, e que tinha enviado uma cópia para Josué Montello. Versos estes atribuídos ao escritor maranhense:

“A uma bosta como esta
E de um burro como tu
A resposta que me resta
É a bosta de outro cú.

Assim, e para teu bem,
Pega esta dupla cagada
E sem dizer nada a ninguém
Joga tudo na privada.”

A dupla cagada citada na quadrinha refere-se ao artigo publicado pela ABDF, “realmente muito forte”, segundo o próprio Edson Nery, e as fezes pinceladas no artigo devolvido ao autor. Edson Nery esclarece, em “Ser ou não ser e outros manifestos contra a rotina”, que Josué Montello “negou a iniciativa de tão insólito revide”, e escreveu-lhe “uma carta atribuindo-o a um inimigo comum”, uma vez que também recebeu papéis manchados de fezes.

O que teria provocado a querela acadêmica tinham sido as críticas feitas por Edson Nery à Biblioteca Nacional que culminaria na discussão sobre a permanência de escritores na direção daquela biblioteca. Defendia o bibliotecário Nery da Fonseca que a passagem de bibliotecários na administração daquela casa tinha sido mais frutífera. (Pousa aí o entendimento que o bibliotecário tem de bibliotecas, enquanto que o escritor tem de livros escritos ou a escrever - um fato natural). O Ministro da Educação e da Cultura, à época Jarbas Passarinho, mandou recado para Nery da Fonseca dizendo que parasse de dar entrevistas “porque vou cumprir a lei, faltando apenas escolher o bibliotecário que vai dirigir a BN”.

A lei a que se referia Jarbas Passarinho era a Lei 4.084, aprovada em 1962 e até então não posta em prática. A mesma Lei que o Executivo brasileiro ainda teima em não respeitar, seja a nível federal ou a nível estadual, e que consagra a direção de bibliotecas como área privativa de bacharéis em biblioteconomia. Nos anos que se seguiram, provocado ou não pela celeuma, a Biblioteca Nacional passou a ter diretores bibliotecários, iniciando com a nomeação de Jannice Monte-Mór; havendo um breve hiato no governo Figueiredo. O desrespeito a Lei em referência tomou forma voltando ao tempo de escritores a partir da instalação da república da Casa da Dinda e continuando no governo acadêmico da república da Praça do Vilaboim.

6 As Bibliotecas Públicas do Brasil: caso do descaso.

Se é verdade que a arte imita a vida tem com que se preocupar a madrinha das bibliotecas do Brasil. A sua indicação, para madrinha de uma área tão desprestigiada dentro do cenário cultural brasileiro, culmina com o momento que o seu outro título, o de madrinha de bateria de escola-de-samba, esta ameaçado. Criticadas pelas passistas oriundas do morro (às quais não podem ser atribuídas a pecha de corporativas - coisas de acadêmicos) as top-model perdem espaço. Compensadas (um único caso até o momento) por um novo espaço, no mundo acadêmico.

Incluída num processo de exclusão de um mundo surreal como o carnaval, a top model vê-se na iminência de ser incluída num mundo se não decadente, estabelecido num processo de desimportância secular.

Esta desimportância secular resistiu a tentativa de mudança, no momento em que presidentes de associações de bibliotecários levaram ao governo Collor, na então administração Ipojuca Pontes da Secretaria da Cultura, um estudo da necessidade de que o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas deveria existir como órgão independente dentro da hierarquia da Cultura, respondendo diretamente ao Secretário. Única forma de vitalizar um setor tão desprestigiado dentro da desprestigiada Cultura.

Contrariando expectativas sobre o pleito da categoria, registrado e documentado em um estudo sobre o assunto, é justamente a partir do governo Collor de Melo, período de retomada da direção da casa por escritores, que as bibliotecas públicas brasileiras vão sofrer um duro golpe: o INL - Instituto Nacional do Livro é transformado em DNL - Departamento Nacional de Livros passando a ser um apêndice da Fundação Biblioteca Nacional.

Lá, encravado no Art. 11, como apêndice do apêndice surge o SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, no bojo do Estatuto da Fundação Biblioteca Nacional aprovado em 13 de outubro de 1990, pelo Decreto n. 99.603. Um erro de fato e de direito.

Aprovado por gabinetes, considerados por essência como superiores a qualquer entendimentos com a categoria bibliotecária - isto devido ao período autoritário do governo Collor, o DNL transferiu-se para o Rio de Janeiro junto com o SNBP. Luís Augusto Milanesi, que num futuro próximo viria a assessorar o DNL, invocou o então Senador Fernando Henrique Cardoso através documento TO 064/91 no qual solicitava providências de natureza legislativa que alterasse o Estatuto da Fundação Biblioteca Nacional, eliminando o recém-criado Art. 11 e criando o Sistema Nacional de Bibliotecas e Informação Pública no âmbito da então Secretaria da Cultura, hoje Ministério.

A solicitação tinha fundamentação arquitetada em registros no V Simpósio sobre Biblioteca e Desenvolvimento Cultural, acontecido em São Paulo, em agosto de 1990. Alegou o futuro presidente da República que a alteração do Decreto e a criação da câmara na Cultura Federal era de competência privativa do Presidente da República. Assim, aconselhava a Luís Milanesi que promovesse a apresentação do problema ao Executivo, o caminho mais adequado para a solução de uma questão que envolvia interesse político.

Em não havendo mudanças na estrutura das bibliotecas públicas como capitaneava Luís Milanesi, e entendiam os presidentes de associações de bibliotecários, o presidente da Fundação Biblioteca Nacional passou a ter gerência sobre as bibliotecas públicas brasileiras de conformidade com o preceituado no art.6º. do Decreto 520, que diz que "o SNBP será dirigido pelo presidente da FBN."

Se por um lado não estamos assistindo uma melhora no padrão das bibliotecas públicas, estamos contemplados com uma bela madrinha.

7 A Título de Conclusão: Via de Regra

A nomeação de uma madrinha para as bibliotecas do Brasil, um ato tão insolente quanto inútil, e a reação quase invisível ao fato, marca profundamente as relações bibliotecárias no Brasil, no sentido da construção de um perfil profissional inusável.

Seria uma "Madrinha" nomeada com base em quais méritos? Qual o método aplicado para se chegar ao mérito? Qual o perfil da então nomeada bibliotecária-mor? Em que consistiu o seu trabalho em prol das bibliotecas públicas para ser considerada uma protetora das bibliotecas, uma patrocinadora da causa? Teria o presidente da BN descoberto o que teimam em não descobrir os bibliotecários que estudam o assunto?

Quando se busca um perfil do bibliotecário trabalha-se várias vertentes. Em "O bibliotecário e sua auto-imagem" Catarina Zita identifica "quatro fatores influentes nas atitudes profissionais dos bibliotecários: a natureza do trabalho, o salário, o comportamento profissional e a auto-estima profissional". Estes fatores estão presentes em alguns segmentos de bibliotecas: as especializadas, e em menor proporção nas universitárias. Mas, dentro do contexto público brasileiro as bibliotecas públicas raramente estão contempladas pelos quatro fatores.

Assim, impor às bibliotecas públicas do Brasil uma protetora simbólica em nada altera a realidade deste segmento cultural. Via de regra, compete as pessoas, de nível superior e intelectuais de modo geral, que estão em cargos hierárquicos privilegiados, possuem compreensão e conhecimento da realidade da sociedade. Deste modo, na área cultural, dentro da departamentalização bibliotecas públicas, o esperado é que o dirigente envolvido perceba que as bibliotecas públicas municipais significam o elo entre os mais distantes e necessitados municípios brasileiros e a cultura não estabelecida.

Neste sentido, as bibliotecas públicas não podem significar mero acidente de percurso na área cultural. As bibliotecas públicas, via de regra, precisam de: 1 - definição de uma política cultural; 2 - definição de uma estrutura administrativa; 3- definição de um orçamento anual nas suas respectivas esferas administrativas; 4 - definição de uma política de aquisição para formação de um acervo de acordo com as necessidades informacionais da comunidade; 5 - definição de um calendário de atividades para que a cultura não se materialize apenas em eventos oportunistas.

Fora disso, bibliotecas e bibliotecários, à imagem e semelhança da cultura, apenas terão perfis que se aproximam de “um papel cosmético, uma espécie de maquilagem alegre sobre a miséria” como opina Luís Milanesi.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - 1995, um ano que é de todos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º jan. 1995. Domingo, s.p.
- 2 - FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário básico da língua portuguesa*. São Paulo : Nova Fronteira, 1990.
- 3 - FONSECA, Edson Nery da. *Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina*. Brasília : ABDF, 1988.
- 4 - MILANESI, Luís. Criar e repartir. *Informação Cultural*, São Paulo, n. 21, jul. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Zita C. de. *O Bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo : Pioneira, 1993.